"Nas habilidosas mãos de Donlea, essa história de obsessão, assassinato e busca pela verdade é um estudo de caráter compassivo e um thriller emocionante."

KIRKUS REVIEW

UMA MULHER NA ESCURIDÃO

A verdade mais difícil de enxergar é a que sempre esteve diante de nossos olhos...

CHARLIE DONLEA

Autor dos best-sellers **A GAROTA DO LAGO** *e* **NÃO CONFIE EM NINGUÉM**

FARO EDITORIAL

CHARLIE DONLEA

UMA MULHER NA ESCURIDÃO

Tradução: Carlos Szlak

FARO EDITORIAL

COPYRIGHT © 2019. SOME CHOOSE DARKNESS. BY CHARLIE DONLEA.
PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH BOOKCASE LITERARY AGENCY AND KENSINGTON PUBLISHING.
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2019

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial PEDRO ALMEIDA
Preparação TUCA FARIA
Revisão MONIQUE DORAZIO
Capa e diagramação OSMANE GARCIA FILHO
Imagem de capa © HELLEN | TREVILLION IMAGES
Imagem interna © VADIMVASENIN | DEPOSITPHOTOS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Donlea, Charlie
Uma mulher na escuridão / Charlie Donlea ; tradução de Carlos Szlak. — São Paulo : Faro Editorial, 2019.

ISBN 978-85-9581-072-3
Título original: Some choose darkness

1. Ficção norte-americana 2. Suspense I. Título II. Szlak, Carlos

19-0481 CDD-813.6

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana 813.6

FARO EDITORIAL

1ª edição brasileira: 2019
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310
Alphaville – Barueri – SP – Brasil
CEP: 06473-000 – Tel.: +55 11 4208-0868
www.faroeditorial.com.br

O Barato

Chicago, 9 de agosto de 1979

O LAÇO APERTAVA O PESCOÇO, E A FALTA DE OXIGÊNIO fazia a cabeça girar em uma mistura fantástica de euforia e pânico. Ele permitiu que a tira de náilon suportasse todo o peso do seu corpo ao afastar a banqueta. Aqueles que não conheciam "o Barato" considerariam primitivo seu sistema de polias, mas só ele compreendia plenamente o poder que tinha. O Barato proporcionava uma sensação mais incrível do que qualquer droga. Não existia outro vetor de vida capaz de propiciar experiência igual. Simplesmente, era tudo pelo que ele vivia.

Quando ele abandonou a banqueta, descendo ao chão, a corda em que a tira de náilon estava amarrada rangeu com a tensão do corpo e deslizou pela borda sulcada da polia. A corda se curvava sobre o guincho, corria pela segunda polia, depois recuava e passava pela terceira e última manivela para formar um "M".

Preso à outra extremidade da corda, havia outro laço de náilon, enrolado ao redor do pescoço de sua vítima. Toda vez que ele abandonava a segurança da banqueta, a tira de náilon ao redor do seu pescoço suportava o peso da vítima, fazendo-a levitar magicamente, erguendo-a a quase dois metros do chão, bem diante dele.

O pânico finalmente desapareceu dela. Os chutes e as contorções cessaram. O Barato saturou a alma dele, e a imagem da vítima flutuando suspensa no ar extasiou-lhe a mente. Ele suportou o peso dela o máximo possível, ficando muito próximo da inconsciência e à beira do êxtase. Fechou os olhos por um momento. A tentação de continuar até a beira do

arrebatamento era bastante convidativa, mas ele sabia dos perigos de se permitir vagar tão longe por aquele caminho sinistro. Percorrê-lo durante muito tempo impediria o retorno. Contudo, ele não conseguia resistir.

Com a tira de náilon ao redor do pescoço, ele focou os olhos semicerrados na vítima pendurada diante dele. O laço ficou ainda mais apertado, comprimindo a carótida e provocando manchas na visão. Ele relaxou por um instante, cerrando as pálpebras e cedendo à escuridão. Só um pouquinho. Só por um segundo mais.

O rescaldo

Chicago, 9 de agosto de 1979

RETORNANDO AO MOMENTO PRESENTE, ELE TENTOU RES-pirar, mas foi em vão. Desesperado, procurou com o pé a borda da banqueta. Finalmente, os dedos encontraram a superfície lisa de madeira. Ele subiu nela, aliviou a pressão no pescoço e passou a inspirar grandes quantidades de ar. Enquanto isso, a vítima se estatelava no chão à sua frente. Ao entrar em contato com o concreto, as pernas dela não mais a apoiaram, e ela desmoronou: o peso do corpo puxou a extremidade da outra corda até que o grosso nó de segurança se alojasse na lateral da outra polia, mantendo o laço frouxo ao redor do pescoço dele.

Ele se desvencilhou da tira de náilon pela cabeça e deu algum tempo para a vermelhidão desaparecer da pele. Reconheceu que fora longe demais naquela noite. Apesar do colar protetor de espuma que utilizava, teria de encontrar um jeito de ocultar o hematoma roxo no pescoço. Precisava ser mais cuidadoso agora do que nunca. O público começara a entender a situação. Os artigos de jornais começaram a aflorar. As autoridades emitiram alertas, e o medo vinha aumentando mais do que o calor do verão. Com a conscientização do público, ele passou a espreitar com mais cuidado, planejar com mais detalhes e encobrir os rastros com mais perfeição. Encontrara o local perfeito para ocultar os corpos. O Barato era mais difícil de conter, e ele temia que o véu que protegia sua vida secreta fosse removido pela sua incapacidade de esconder a euforia que sentia nos dias seguintes às sessões. Seria inteligente interromper as coisas. Manter discrição e esperar o pânico passar. Porém, o Barato era muito difícil de ignorar. Sua existência dependia daquilo.

Sentando-se na banqueta, ele deu as costas para a vítima. Precisou de um momento para controlar as emoções. Ao se sentir pronto, virou-se para o cadáver e começou a limpeza e a preparação para o transporte no dia seguinte. Quando terminou, trancou o lugar e embarcou no seu carro. O retorno para casa não foi suficiente para serenar os efeitos residuais do Barato. Ao encostar junto ao meio-fio, ele viu as luzes da casa apagadas. Ainda bem. Seu corpo continuava tremendo, e ele não conseguiria encarar uma conversa normal. No interior da residência, largou as roupas na máquina de lavar, tomou um banho rápido e se deitou na cama.

Ela se mexeu quando ele puxou as cobertas sobre si.

— Que horas são? — ela perguntou com os olhos fechados e a cabeça afundada no travesseiro.

— Tarde. — Ele beijou-lhe o rosto. — Volte a dormir.

Ela deslizou a perna por cima dele e pôs o braço sobre o seu peito. Ele deitou-se de costas, erguendo o olhar para o teto. Em geral, levava horas para se acalmar após voltar para casa. Fechou os olhos e procurou controlar a adrenalina que corria pelas veias. Repassou as últimas horas. Nunca conseguia se lembrar de tudo, não com clareza e não tão logo depois. Nas semanas seguintes, os detalhes voltariam. Porém, naquela noite, por trás das pálpebras fechadas, seus olhos tremularam em movimentos frenéticos, à medida que o centro de memória da sua mente oferecia breves centelhas da noite: o rosto da vítima, seu visível terror, o laço corrediço da tira de náilon em ângulo agudo em torno do pescoço.

Em um rápido turbilhão, as imagens e os sons giraram na sua mente. Enquanto a fantasia se desenvolvia, as cobertas se mexeram ao seu lado quando ela acordou. A mulher se aninhou ainda mais ao seu lado. Com as veias latejando e as endorfinas circulando em ritmo acelerado por causa do Barato, ele deixou que ela beijasse a sua nuca e depois o seu ombro. Permitiu que a mão dela descesse até a cintura de sua cueca boxer. Sentiu o Barato tomar conta de si e se pôs por cima dela. Manteve os olhos fechados enquanto ela deixava escapar gemidos baixinhos, que ele bloqueou na sua mente.

Ele pensou na sua área de trabalho. Na escuridão. Na maneira como conseguia se desnudar quando estava naquele lugar. Assumiu um ritmo confortável e se concentrou na mulher que levara lá mais cedo naquela noite. A mulher que levitou como um fantasma à sua frente.

O doce perfume das rosas

A MULHER CHEGOU AO JARDIM, ABRIU A TESOURA NA BASE *da rosa e cortou a haste. Repetiu o processo até ter seis rosas vermelhas de hastes longas na mão. Subiu a escada até alcançar a varanda de trás, colocou as rosas sobre a mesa e se sentou na cadeira de balanço. Olhando para o campo, observou a menina se aproximar, subir a escada e caminhar até ela.*

A menina tinha uma voz aguda e inocente, como todas as vozes das crianças deveriam ser.

— Por que a senhora sempre colhe rosas do jardim? — a garota quis saber.

— Porque são belas. E se forem deixadas nas roseiras, com o tempo murcharão e serão desperdiçadas. Ao podá-las, posso fazer melhor uso delas.

— A senhora quer que eu as amarre? — a menina se ofereceu.

Ela tinha dez anos e era a coisa mais doce que já havia surgido na vida da mulher. Do avental, a mulher tirou um araminho, entregou-o para a menina e a observou pegar as rosas com cuidado. Evitando os espinhos, a garota envolveu o araminho ao redor das hastes e o torceu, prendendo o buquê em um maço bem apertado.

— O que a senhora faz com as flores?

A mulher pegou dela o buquê perfeito.

— Entre e se arrume para o jantar.

— Eu a vejo colhê-las todos os dias e eu as amarro para a senhora. Mas nunca mais vejo as flores.

A mulher sorriu.

— Temos trabalho para fazer depois do jantar. Vou deixar a pintura para você esta noite, se acha que a sua mão está firme o bastante.

A mulher esperava que a isca fosse suficiente para desviar a conversa.

A menina sorriu.

— A senhora vai me deixar pintar sozinha?

— Vou. Está na hora de você aprender.

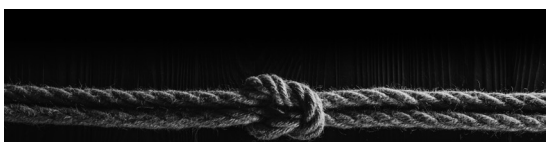
— Vou fazer um bom trabalho, prometo — ela disse antes de sair correndo para o interior da casa.

A mulher não precisou esperar muito para ouvir o tinido da louça que a menina colocava sobre mesa de jantar. Então, ela se ergueu da cadeira de balanço, arrumou cuidadosamente as rosas recém-presas em um buquê, desceu a escada da varanda e atravessou o campo atrás da casa. O sol se punha, e as sombras das bétulas cortavam o seu caminho.

Enquanto caminhava, levou as flores ao nariz e sentiu o doce perfume das rosas.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

www.faroeditorial.com.br



Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!

FiqueSabendo

FARO EDITORIAL

ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA GRÁFICA KUNST EM ABRIL DE 2019